

O USO DE CELULARES NO ENSINO MÉDIO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES E OUTRAS OCORRÊNCIAS EM SALA DE AULA

Talita de Souza Mendes da Silva ¹
Pedro Haruki de Sá Cruz Watanabe ²
Lucas Silva Alves ³
José Henrique Oliveira Silva ⁴
Renato de almeida ⁵

RESUMO

Busca-se descrever a percepção dos estudantes do ensino médio de uma escola pública no Recôncavo da Bahia, sobre os impactos do uso de celulares em seu aprendizado; além de acessar informações sobre o uso de aplicativos em seus estudos e o que pensam da Lei Federal nº 15.100/2025, que proibiu os aparelhos eletrônicos pessoais na educação básica. Foi ofertado, no ambiente escolar, questionário eletrônico com 6 perguntas a 40 alunos (idades 15-20 anos). O diário de bordo foi um instrumento de apoio à observação participante, para registrar informações complementares de ocorrências observadas em sala de aula. Para 45% dos alunos o celular não é um entrave ao aprendizado, mas 42,5% reconhecem que o aparelho atrapalha pouco e 12,5% acreditam que atrapalha bastante. Para 85% o aparelho é útil à realização de atividades escolares, contra apenas 10% que consideram pouco útil e inútil (5%). Foi observado o uso de celulares para acessar redes sociais, games, filmes e até a inteligência artificial para fins acadêmicos (esse último, tão somente em atividades avaliativas). Constatou-se o envolvimento discente com jogos de azar (as bets) em sala de aula. A opinião discente sobre a Lei se mostrou diversificada: alguns relataram que a medida não trouxe mudanças efetivas. Outros entendem que a lei não é necessária, mas há quem defenda sua manutenção para evitar distrações, reforçando a política frente ao uso de dispositivos móveis em ambiente escolar. A literatura também divide opiniões. Alguns afirmam que o uso consciente de tecnologias digitais pode potencializar o aprendizado; outros ressaltam que os dispositivos implicam em desafios aos professores e estudantes. Apesar do uso indevido, a maioria reconhece a importância do celular para fins acadêmicos. Acreditamos ser necessário estabelecer diretrizes escolares e capacitar docentes para integrar essas tecnologias, equilibrando o uso pedagógico dos aparelhos com o foco nas aulas.

Palavras-chave: jogos de azar, tecnologias, aprendizagem, PIBID.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- BA, talitadesouzamendesdasilva@gmail.com

² Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - BA, haruuski@gmail.com

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - BA, luucassilvaalvesoficial@gmail.com

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - BA henriq.copy07@gmail.com

⁵ Professor orientador: Renato de Almeida, Doutor em Oceanografia, Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, renato.almeida@ufrb.edu.br;





INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos tornaram os dispositivos móveis indispensáveis no cotidiano e na vida acadêmica. Celulares, antes usados apenas para comunicação, passaram a auxiliar estudantes em atividades escolares, revisões de conteúdos e pesquisas (Barboza & Teixeira, 2025; Durso, 2025; Pacheco, 2024). Muitos professores enxergam neles oportunidades de tornar o ensino mais dinâmico, utilizando pesquisas online, jogos educativos, quizzes, vídeos explicativos e plataformas colaborativas (Lippi et al., 2024; Vieira, 2024).

Apesar contribuírem para a construção do conhecimento, pesquisas indicam que o uso nem sempre é pedagógico. Reportagem publicada sobre um estudo realizado pelo Instituto Federal Fluminense com jovens de 13 a 18 anos revelou que 53% dos alunos usam WhatsApp, 45% acessam redes sociais e 43% escutam músicas durante as aulas; 62% reconhecem que o uso excessivo prejudica o rendimento escolar (Carletti, 2019). Dados do PISA (2022) apontam que 45% dos alunos se distraem com celulares e 40% têm atenção comprometida pelo comportamento dos colegas (OECD, 2022). Outros estudos ainda mostram que a tecnologia, quando mal utilizada, afeta negativamente a atenção e aprendizagem, especialmente na adolescência (Cavalcanti et al., 2025; Santana, 2023; Silva & Pereira, 2024).

O excesso de estímulos digitais, aliado à dificuldade de autocontrole típica da adolescência, transforma a tecnologia em obstáculo ao foco e rendimento acadêmico, suscitando discussões sobre limites de uso e o papel da escola (Durso, 2025; Lippi et al., 2024). Para enfrentar esse problema, foi sancionada a Lei nº 15.100/2025, restringindo o uso de celulares no ambiente escolar. Contudo, em escolas públicas do Recôncavo Baiano, observações do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/Biologia) mostram que alunos continuam usando celulares e tablets, ora como apoio em atividades avaliativas, simulados e provas; ora como distração, impactando negativamente o rendimento escolar (Cavalcanti et al., 2025).

Em diversas observações realizadas para a construção do diagnóstico da escola de campo, bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/Biologia), perceberam que os alunos continuavam utilizando aparelhos eletrônicos, principalmente celulares e tablets disponibilizados pelo Governo do Estado da Bahia. No entanto, esses dispositivos passaram a ser usados, na maior parte das vezes, para distração ou para recorrer a ferramentas de





inteligência artificial na realização de atividades avaliativas, simulados e provas. Estudos ainda têm indicado índices significativos do uso indevido do celular em sala de aula, e efeitos negativos em relação ao rendimento escolar dos estudantes, mesmo sob a vigência da lei (Cavalcanti et al, 2025). O problema das checagens contínuas (em geral para acompanhar mensagens ou redes sociais) compromete a atenção dos jovens frente aos estudos; algo recorrente e admitido pelos próprios alunos.

O presente relato retrata uma investigação junto aos alunos para compreender melhor os impactos do uso de aparelhos eletrônicos em seu desempenho escolar, bem como suas percepções sobre a proibição e as possíveis consequências dessa medida em sua rotina e aprendizado e seu cotidiano escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo possui caráter quali-quantitativo, caracterizando-se como uma investigação mista. Enquanto a abordagem qualitativa busca focar na compreensão aprofundada e na interpretação de fenômenos complexos, valorizando as qualidades dos dados que não se traduzem em números, a abordagem quantitativa caracteriza-se pela quantificação de dados e opiniões, utilizando técnicas estatísticas para análise (Gil, 2017). Neste artigo, ambas as abordagens se complementam, uma vez que os dados qualitativos fornecem uma visão detalhada e explicativa das percepções, experiências e comportamento dos participantes, enquanto os dados quantitativos permitem avaliar a frequência da repetição dos comportamentos, fortalecendo a confiabilidade dos resultados obtidos. Assim, a combinação dessas metodologias proporciona compreensão mais completa e integrada do objeto de estudo. A pesquisa foi realizada em um colégio público, do ensino médio, situado no município de Cachoeira-BA, no recôncavo baiano.

A coleta de dados foi realizada nas turmas do Ensino Médio 1A, 3A, 3B, 3C, RFM 2 e 3. Foram realizadas observações sobre o comportamento dos discentes no contexto da sala de aula ao longo de seis meses. Buscou-se identificar padrões de comportamento, interações sociais, níveis de participação, bem como reações às atividades propostas, mas o enfoque principal foi o uso de celulares pelos estudantes, analisando se o recurso impactava o





rendimento escolar, a concentração dos discentes e a participação nas atividades propostas. As condutas percebidas foram anotadas em "diários de bordos" (Zabalza, 1994).

Também foi aplicado um formulário eletrônico composto por seis perguntas (três discursivas e três de múltipla escolha), com o objetivo de investigar a utilização de celulares pelos alunos e suas percepções sobre a proibição desses aparelhos no ambiente escolar. Foram obtidas 42 respostas de estudantes com idades entre 15 e 17 anos, mas também houve resposta de alunos de maior idade (entre 19 e 28 anos), que frequentam as aulas durante a manhã.

Também foram realizadas 19 entrevistas com grupos de estudantes, abordados durante diferentes turnos (matutino e vespertino), abrangendo alunos do 1º ao 3º ano, sempre preservando suas identidades e mantendo o anonimato das respostas. As entrevistas ocorreram dentro do ambiente escolar, em horários conjuntamente definidos com os professores, de forma a não comprometer o andamento das aulas. A seleção dos participantes foi feita de maneira aleatória e voluntária, respeitando os critérios de diversidade de série, idade e turno. No total, foram feitas aproximadamente 12 perguntas, permitindo certa flexibilidade nas respostas, mas mantendo o foco nos objetivos centrais da pesquisa. As perguntas buscaram compreender a motivação para o uso de celulares durante as aulas, identificar os aplicativos mais utilizados nesse contexto, investigar a frequência e a natureza do uso de jogos de azar entre os estudantes, e registrar suas percepções sobre a utilização de celulares no ambiente escolar. As entrevistas foram conduzidas pelos bolsistas pibidianos responsáveis pela pesquisa, em duplas, em dias e horários diferentes, registrando as respostas das entrevistas em seus próprios diários de bordos e em blocos de notas digitais.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Se constatou que os 42 discentes que responderam ao formulário eletrônico apresentavam amplo espectro de idades (Figura 1). Julgamos pertinente afirmar que a inclusão de estudantes das diferentes idades e turmas da escola (do 1º ao 3º ano), permitiu ampliar a visão sobre diferentes comportamentos e percepções sobre o uso dessa tecnologia. Em certa medida, isso tornou possível observar inúmeros aspectos (como a facilidade de acesso à informação e a integração com práticas pedagógicas inovadoras), além dos desafios (como a dispersão, a dificuldade de concentração e uso inadequado da tecnologia).





Figura 1: Faixa etária dos estudantes de ensino médio participantes da pesquisa.

Além disso, a maioria dos entrevistados tinha 17 anos, pertencentes à geração Z, também conhecida como geração nativa digital, o que reforça a influência da experiência tecnológica na percepção sobre o uso de dispositivos eletrônicos na escola. Ressalta-se que a maior parte dos participantes era do 1º ano, que também manifestou maior descontentamento com a legislação restritiva ao uso de celulares.

Pelo menos 59,5% dos estudantes reconhecem que o celular promove algum nível de distração no ambiente escolar (Figura 2).

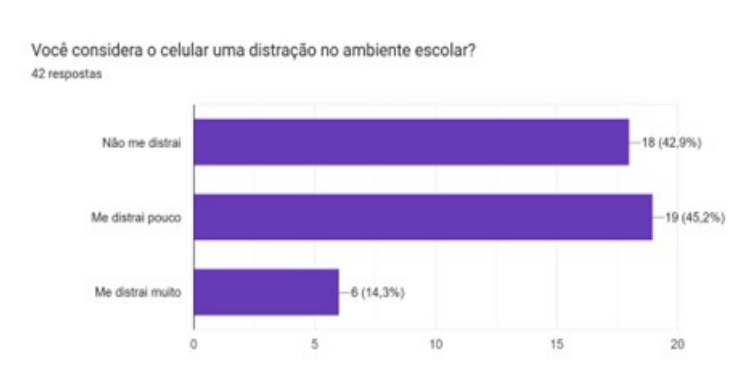


Figura 2: Percepção dos alunos sobre a distração causada pela utilização de celulares em sala.

Esse resultado corrobora com outros estudos anteriores (Silva, Pereira, 2024) que também demonstraram que o celular provoca distrações e compromete a atenção dos alunos em sala de aula, embora possam ser usados como ferramentas pedagógicas. Além disso, Santana (2023) também evidenciou que o uso inadequado do celular interfere no desempenho acadêmico, reforçando que esses dispositivos podem prejudicar o aprendizado quando não há regras



claras para seu uso. Esses resultados vão além da teoria, pois é possível observar no cotidiano escolar, o quão prejudicial às tecnologias estão sendo ao desempenho dos alunos.

Ressalta-se que uma parcela expressiva (42,9%) dos alunos acreditam que o uso de celulares na sala de aula não causa distrações. Essa percepção contrasta com evidências anteriores (Santana, 2023; Silva e Pereira, 2024) e com os resultados das avaliações semestrais da escola, que indicam queda no desempenho acadêmico dos estudantes. Ademais, os dados da Figura 2 também divergem das observações realizadas pelos bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e anotações no diário de bordo. Durante as aulas, muitos estudantes se perdem nas explicações ou têm dificuldades para realizar atividades sem recorrer a ferramentas de inteligência artificial. Esse comportamento sugere que o uso contínuo de celulares prejudica a concentração e o engajamento desde o início das aulas.

O formulário eletrônico também revelou que 83,3% dos estudantes consideram o celular muito útil ao desenvolvimento de atividades escolares. De fato, muitos utilizam essas tecnologias no desenvolvimento de atividades mais criativas, práticas e eficientes, bem como para realizar pesquisas que contribuem para o aprimoramento do conhecimento. Observou-se, por exemplo, o uso correto do celular na produção de apresentações de slides. No entanto, relatos coletados nas entrevistas coletivas sugerem que alguns professores precisam ter cautela ao utilizar exclusivamente essas ferramentas digitais para pesquisas, uma vez que nem todos os alunos aproveitam corretamente os recursos disponíveis.

Além disso, as entrevistas também revelaram que a inteligência artificial (IA) tem sido utilizada não apenas para pesquisas, mas também para responder provas, simulados e realizar tarefas escolares. Apesar da praticidade de obter respostas prontas, esse uso indiscriminado da IA pode enfraquecer a compreensão dos conteúdos, pois os alunos tendem a reproduzir respostas sem refletir criticamente sobre o tema, prejudicando a aprendizagem autônoma. Estudos indicam que o uso excessivo de ferramentas de IA pode comprometer o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de resolução criativa de problemas (DURSO, 2025; VIEIRA, 2024).

Outro desafio identificado é a precisão das respostas fornecidas pelas ferramentas de IA. Embora sejam recursos úteis, elas ainda apresentam limitações, pois algumas vezes oferecem



informações incorretas ou inadequadas ao contexto educacional, podendo prejudicar a compreensão do conteúdo ensinado. Observou-se, ainda, que alguns alunos passaram a substituir pesquisas em livros, artigos e sites pelo uso exclusivo de IA, inclusive com o uso de livros didáticos digitais disponibilizados para acompanhar as disciplinas. Embora o celular e as ferramentas de IA ofereçam oportunidades de aprendizagem mais ágil e diversificada, é necessário um uso orientado e crítico dessas tecnologias para que não comprometam o desenvolvimento cognitivo, a compreensão aprofundada dos conteúdos escolares e a oportunidade da aprendizagem colaborativa.

Outra questão abordada no formulário se relaciona à facilidade de acesso à internet no ambiente escolar. Quase 70% afirmou ter acesso irrestrito à internet por meio da rede móvel do próprio colégio. Nas entrevistas complementares os estudantes foram questionados sobre quais conteúdos mais acessam durante as aulas. A maioria mencionou o uso de IA, redes sociais e aplicativos de streaming para assistir a séries e filmes. Um grupo menor relatou utilizar o Google para realizar pesquisas escolares e os aplicativos pedagógicos instalados nos tablets fornecidos pelo governo, que contém jogos e atividades voltadas ao aprendizado.

Os resultados evidenciam que a maior parte dos alunos não utiliza os aparelhos eletrônicos com finalidade educacional, mas como entretenimento pessoal durante o horário das aulas. Essa constatação reforça a necessidade de repensar o papel das tecnologias digitais no ambiente escolar, de modo que sejam incorporadas de forma mais pedagógica, orientada e significativa ao processo de ensino-aprendizagem.

Quando indagados sobre os motivos pelos quais utilizavam os celulares durante as explicações em sala, a maioria apontou a falta de interesse nas aulas, muitas vezes devido ao caráter monótono, repetitivo ou de difícil compreensão dos conteúdos abordados.

Um estudante do 3º ano relatou, por exemplo, que não demonstrava interesse nas aulas e que, ao perceber que estava alcançando a média necessária para aprovação, deixava de se envolver nas atividades. Esse depoimento ilustra um fenômeno recorrente: a desvalorização do ensino e a superficialização do aprendizado. Valoriza-se a aprovação em detrimento do verdadeiro valor da educação transformadora, crítica, autônoma e com consciência social.





A entrevista também abordou o uso de jogos de apostas (bets) durante as aulas, com o objetivo de compreender a frequência e o contexto em que esses aplicativos são utilizados pelos estudantes. A maioria afirmou ter contato com esse tipo de jogo, mas relatou utilizá-lo apenas fora do ambiente escolar, geralmente em momentos de lazer ou durante os intervalos. Uma parcela dos entrevistados admitiu já ter realizado apostas durante as aulas, motivada pela influência de colegas ou pela facilidade de acesso aos aplicativos por meio do celular. Há relatos do acúmulo de dívidas que os levou ao abandono dos jogos de apostas.

Essa é uma preocupação crescente no Brasil, seja pelos riscos psicológicos quanto pelos impactos acadêmicos e financeiros. Pesquisa da Unifesp revelou que adolescentes entre 14 e 17 anos estão entre aqueles com maior vulnerabilidade a transtornos relacionados ao jogo (UOL, 2025). Além disso, levantamento da ABMES mostra que 34% dos jovens adiaram o ingresso no ensino superior por causa de gastos com apostas online (UOL Educação, 2025). A Sociedade Brasileira de Pediatria tem alertado para os riscos do uso de apostas digitais junto a crianças e adolescentes, incluindo danos à saúde mental e comportamental (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2025).

Denota-se que há certa naturalização dessas práticas entre estudantes, com registros de apostas dentro da sala de aula, uso escondido de celulares para apostar, distração e comprometimento do ensino (CNTE, 2025; IHU, 2025). Nossa pesquisa reforça que, embora os alunos afirmem fazer apostas fora do ambiente escolar, a presença desses jogos no cotidiano digital e sua facilidade de acesso levam à distração, comprometendo o foco e o rendimento escolar. Além disso, o envolvimento com apostas pode gerar preocupação em recuperar valores perdidos, gerando ansiedade, dívidas e maior desvio de atenção dos estudos. O comportamento observado é evidência não apenas da presença das apostas online no cotidiano digital dos jovens, mas também seus impactos diretos na concentração, no desempenho acadêmico e na saúde emocional.

Indagados se deixariam de usar o celular se as aulas de biologia fossem mais práticas do que teóricas, a maioria respondeu que sim. Anotações no diário de bordo apontam que em alguns momentos, os alunos se engajaram mais e deixaram os celulares de lado em aulas práticas. Isso reforça a ideia de que, na biologia, a teoria sozinha não é suficiente para prender a atenção dos alunos ou ajudá-los a compreender os conteúdos. Atividades práticas, como





experimentos, trabalhos de campo e atividades laboratoriais, não só tornam as aulas mais interessantes, como também ajudam os estudantes a se envolverem mais, a aprender de forma mais concreta e a reduzir o uso do celular como distração.

CONCLUSÃO

A pesquisa buscou compreender as percepções e impactos do uso de celulares em sala de aula entre estudantes do ensino médio de um colégio público do Recôncavo Baiano. Os resultados mostraram que o celular exerce papel duplo: é uma ferramenta de aprendizado, mas também fonte de distração. Essa dualidade reflete o modo como as tecnologias digitais integram a rotina dos jovens, dentro e fora da escola.

Embora muitos reconheçam o potencial pedagógico dos aparelhos, o uso predominante ainda está voltado ao entretenimento, o que compromete a atenção e o desempenho. Além disso, foi observada uma tendência à substituição de pesquisas e leituras por respostas prontas de inteligências artificiais, o que pode reduzir a criticidade e o raciocínio analítico dos alunos.

Outro ponto preocupante é o envolvimento com jogos de apostas online durante o período escolar, gerando ansiedade, endividamento e queda no rendimento. Isso mostra que o uso do celular envolve não só questões pedagógicas, mas também dimensões emocionais e sociais.

As opiniões sobre a proibição dos celulares se dividem: alguns alunos a consideram necessária, enquanto outros a veem como medida ultrapassada. Assim, apenas restringir o uso não resolve o problema. É preciso investir em formação docente e em estratégias de uso pedagógico consciente das tecnologias. A falta de metodologias ativas e aulas práticas também contribui para a desmotivação e o uso indevido dos aparelhos. Nesse sentido, os estudantes sugerem aulas mais dinâmicas e contextualizadas, nas quais a tecnologia seja uma aliada do aprendizado.

Conclui-se que o desafio não é proibir o celular, mas redefinir seu papel na escola, promovendo uma cultura digital ética e responsável. Cabe às instituições formar sujeitos críticos, capazes de utilizar as tecnologias de forma produtiva, transformando o celular em instrumento de inclusão, inovação e fortalecimento do vínculo entre ensino e realidade social.





REFERÊNCIAS

BARBOZA, Magno Felipe Holanda; TEIXEIRA, Lourival Gomes da Silva. O impacto da inteligência artificial entre estudantes do ensino superior. Revista Eletrônica de Educação e Pesquisa, v. 12, n. 1, p. 86-101, 2025. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/852/463/2190>. Acesso em: 8 out. 2025.

CAVALCANTI, J. et al. Uso indevido de celulares e desempenho escolar: desafios para a aprendizagem na educação básica. Revista Brasileira de Educação, v. 30, n. 1, p. 45-62, 2025.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Jogos de azar se popularizam entre alunos e comprometem o ensino em sala de aula. 2025. Disponível em: <https://cnte.org.br/noticias/jogos-de-azar-se-popularizam-entre-alunos-e-comprometem-o-ensino-em-sala-de-aula-f872>. Acesso em: 8 out. 2025.

DURSO, S. O uso da inteligência artificial na educação e seus impactos. Educação em Revista, v. 42, n. 1, p. 15-30, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/57645>. Acesso em: 8 out. 2025.

FAPESP. Quase 11 milhões de brasileiros apostam de modo a pôr em risco a saúde e as finanças. 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/quase-11-milhoes-de-brasileiros-apostam-de-modo-a-por-em-risco-a-saude-e-as-financas>. Acesso em: 8 out. 2025.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONZÁLEZ MORCILLO, Carlos. La UCLM, consciente de la presencia de la IA en las aulas, apuesta por su uso responsable. Cadena SER Castilla-La Mancha, 7 out. 2025. Disponível em: <https://cadenaser.com/castillalamancha/2025/10/07/la-uclm-consciente-de-la-presencia-de-la-ia-en-las-aulas-apuesta-por-su-uso-responsable-ser-toledo/>. Acesso em: 8 out. 2025.

CARLETTI, V. Redes sociais atrapalham desenvolvimento de alunos, diz pesquisa. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/campos-centro/noticias/redes-sociais-atrapalham-desenvolvimento-de-alunos-diz-pesquisa>. Acesso em: 20 set. 2025.

IHU – INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Diretora de escola diz que apostas em sala de aula estão “saindo do controle”. 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/645093-diretora-de-escola-diz-que-apostas-em-sala-de-aula-estao-saindo-do-controle>. Acesso em: 8 out. 2025.





LIPPI, M. et al. O impacto da inteligência artificial no ensino e na aprendizagem. Revista Tópicos, 2024. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/o-impacto-da-inteligencia-artificial-no-ensino-e-na-aprendizagem>. Acesso em: 8 out. 2025.

OECD – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. PISA 2022 Results: Are Students Distracted by Mobile Phones in the Classroom? Paris: OECD Publishing, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola>. Acesso em: 20 set. 2025.

OECD – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. PISA 2022 Results (Volume I): The State of Learning and Equity in Education. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2022-results-volume-i_53f23881-en.html. Acesso em: 8 out. 2025.

PACHECO, R. D. Os impactos da inteligência artificial na sala de aula. Foco Publicações, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5429>. Acesso em: 8 out. 2025.

PORTAL DA INDÚSTRIA. A inteligência artificial vai prejudicar a educação? Descubra pontos positivos e negativos. Brasília: CNI, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/geracao-sesi-senai/a-inteligencia-artificial-vai-prejudicar-a-educacao-descubra-pontos-positivos-e-negativos/>. Acesso em: 8 out. 2025.

SANTANA, M. Celulares e distrações em sala de aula: uma análise sobre o uso de dispositivos móveis no ensino médio. Revista Brasileira de Tecnologias Educacionais, v. 12, n. 2, p. 112-129, 2023.

SILVA, R.; PEREIRA, J. Tecnologia móvel e atenção escolar: desafios e possibilidades pedagógicas. Educar em Revista, v. 40, n. 3, p. 201-219, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. #Menos Tela#Mais Saúde# - Atualização 2024. Disponível em: [24604c-MO #MenosTelas #MaisSaude-Atualizacao.indd](#). Acesso em: 19 out. 2025.

VIEIRA, M. Inteligência artificial na educação é promissora, mas traz desafios. Revista Educação, 6 dez. 2024. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2024/12/06/inteligencia-artificial-na-educacao-2/>. Acesso em: 8 out. 2025.

ZABALZA, M. A. Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 1994.

